

24 ABR 1989

Três anos depois

Na semana que passou, mais exatamente no dia 21 de abril, o presidente José Sarney completou três anos de exercício efetivo do poder. A data foi lembrada pelo próprio Presidente em sua já tradicional fala à Nação, o programa "Conversa ao Pé do Rádio". "Posso dizer, olhando esses três anos, que a esta altura já sou o vice-presidente do Brasil que conseguiu mais tempo governar através das dificuldades que sempre atravessam os presidentes da República quando têm que assumir o Governo", disse ele. Para acrescentar: "Coube-me a grande e difícil missão de conduzir o Brasil nessa travessia, das margens do autoritarismo às margens da democracia, através de todo tipo de tormentas e ameaças, de crises econômicas, políticas e sociais".

De fato, foram três anos marcados pela instabilidade e pelo conflito de interesses, como costumam ser os períodos de transição. O que os políticos se perguntavam esta semana, no Congresso, era se com Tancredo Neves teria sido diferente: a transição teria sido mais tranqüila, o País estaria melhor administrado? Responder a tal pergunta é predispor-se a participar de um jogo de adivinhação política, uma vez que não se pode imaginar uma experiência que não chegou a acontecer. Parece certo, porém, que o presidente Tancredo Neves — pela sua origem política,

pelo seu estilo, pelas suas características — teria seguido, em muitas situações, rumos diferentes daqueles trilhados pelo presidente Sarney.

Políticos que privaram da intimidade de Tancredo Neves afirmam que ele tinha uma outra receita para enfrentar, por exemplo, os desafios da economia. O próprio sobrinho Francisco Dornelles, nomeado ministro da Fazenda, garante que o presidente morto jamais teria recorrido à solução cirúrgica do Plano Cruzado para debelar a inflação num passe de mágica, da noite para o dia. Ao contrário, como ministro da Fazenda Francisco Dornelles recebera a orientação de formular uma política econômica capaz de combater a inflação pelos métodos convencionais da ortodoxia monetarista. A única dificuldade estava em conciliar esses métodos, que implicavam a adoção de um plano de cortes drásticos nos gastos públicos, com uma política de crescimento econômico.

Parece certo, também, que no plano político Tancredo Neves não teria tantas dificuldades para administrar a transição do autoritarismo para a democracia. Vale lembrar, a esse respeito, que o Governo Sarney foi marcado desde o início pela crise política. As relações do Presidente com o principal partido de apoio ao Governo, o PMDB, nunca chegaram a ser completamente amistosas (a não

ser, é claro, durante a breve euforia do Plano Cruzado). Por tudo isso, é de se supor que o presidente Tancredo Neves — um político ligado historicamente ao PMDB — se sentiria bem mais à vontade para operar o processo de transição democrática. Só não se pode imaginar como seriam as suas relações com outros partidos, mais à direita, e com os chefes militares.

Com efeito, depois desses três anos de turbulências, é importante ressaltar que os compromissos assumidos por Tancredo Neves estão sendo cumpridos pelo atual presidente. Removeu-se, numa primeira fase, o "entulho autoritário" de uma legislação eleitoral e partidária que não se adaptava mais à nova realidade política do País. Todos os partidos vieram à luz do dia e puderam se organizar livremente. Numa segunda fase, convocou-se a Assembléia Nacional Constituinte, que passou a trabalhar na elaboração de um novo texto constitucional.

O desafio maior que coloca ao presidente da República, nessa fase final de seu mandato, é de ordem administrativa e não política, embora essas duas áreas estejam interligadas. Sem apoio político, o Presidente não terá força para colocar em prática, nos próximos dias, as medidas que se fazem necessárias para conter ainda mais o déficit público e baixar os índices da inflação.